

ARTIGOS

- 2 **A gratidão que nos impele a doar**
Kevin Ness
- 4 **O bem já está ao nosso alcance**
Joanne Leedom-Ackerman
- 6 **Por que deveríamos querer conhecer a Deus?**
Lindsey Taylor
- 8 **A criação de Deus está em pleno funcionamento**
Susan Booth Mack Snipes
- 10 **Fixar residência no reino de Deus**
John Tyler
- 12 **Die Erkenntnis von GOTTES Schöpfung wirkt Abwertung entgegen**
Daniel Bort
- 14 **“Dar atenção às pessoas ... e convidá-las a fazer parte”**
Ian Gudger

BOAS-NOVAS

- 16 **Envolva sua comunidade no amor espiritual**
Gloria Cecilia Caro Valderrama
- 18 **Vivemos sob o governo de Deus**
Eric Sonnesyn
- 19 **Em segurança na estrada**
William Roger Strelow

PARA CRIANÇAS

- 20 **Como orei quando uma tempestade estava chegando**
Jane

PARA JOVENS

- 20 **Uma colega me roubou minha melhor amiga**
Holly Wayman

RELATOS DE CURA

- 21 **Gratidão por ter conhecido a Ciência Cristã**
María Teresa Fuentes-Bórquez
- 22 **Reta e livre**
Elisabeth Seaman
- 23 **Voltei a andar normalmente**
Bess Goodspeed
- 24 **Não podemos ser vítimas de confiança equivocada**
Thomas Hösgen
- 25 **Persistir na oração me revelou que a visão é espiritual**
Felix Drob

EDITORIAL

- 26 **Reconhecer com gratidão nossas infinitas bênçãos**
Lisa Rennie Systma

A gratidão que nos impede a doar

Kevin Ness

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 28 de novembro de 2024.

Um livro escrito por um renomado professor da Wharton School, a respeitada escola de administração da Universidade da Pensilvânia, classifica alguns indivíduos como “doadores”, ou seja, aqueles que dão sem se preocupar com o que podem receber em troca e outros, como “receptores”, os que desejam receber mais do que dão e “ganhar” em cada ação que realizam. O autor do livro, Adam Grant, fez uma pesquisa para identificar que tipo de atitude trazia mais êxito, tanto para os indivíduos envolvidos quanto para suas ações. Ele acabou descobrindo que os doadores é que tinham melhores resultados, especialmente no longo prazo.

Embora talvez não seja esse o resultado que se esperaria, ele faz sentido. Afinal, é normal valorizarmos a doação que fazemos aos outros e nos sentirmos satisfeitos e abençoados com isso. Cristo Jesus instruiu seus discípulos desta forma: “...de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). E o apóstolo Paulo escreve que é preciso “...recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber” (Atos 20:35).

A Bíblia está repleta de exemplos do amor expresso em doações isentas de ego: quando o marido de Rute faleceu, ela se comprometeu a ficar com a sogra, Noemi, em vez de ocupar-se de suas próprias necessidades (ver Rute 1:16); a viúva pobre que depositou tudo o que tinha no gazofilácio do templo (Marcos 12:42); em uma das parábolas de Jesus, o bom samaritano cuidou de um homem que encontrara ferido à beira da estrada (ver Lucas 10:30-35); e o próprio Jesus, com desprendimento do ego, dedicou seu tempo, suas orações e atenção cristã, curando onde quer que estivesse, lavando os pés de seus discípulos. No final da carreira ele até deu a própria vida

e foi crucificado para provar o poder da Vida eterna por meio de sua ressurreição.

Todos esses indivíduos fizeram sua doação de maneira destemida e isenta de ego! Por quê? Eles devem ter percebido que suas reservas de bem estavam sempre completas, porque a fonte era Deus. Deus é infinito e Deus é o bem; portanto, há um suprimento infinito de bem para todos. Lemos em Salmos: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém” (Salmos 24:1).

Mary Baker Eddy, a Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã, refere-se a Deus como “Aquele que tudo concede” (ver *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 112). Quando doamos uns aos outros, estamos refletindo o bem que Deus concede continuamente a cada um de nós. Pelo fato de cada indivíduo ser a imagem e semelhança espiritual de Deus (ver Gênesis 1:26) — um em qualidade com essa fonte divina infinita — nós já incluímos espiritualmente tudo de que precisamos, e que provém da abundância de boas ideias da Mente, Deus. Essas ideias incluem saúde, os recursos necessários, um emprego em que nos sentimos úteis, um lar, relacionamentos harmoniosos, uma igreja inspirada. Se os braços de Deus estão repletos dessa abundância, então os nossos também estão, por reflexo.

Contudo, esse fato também levanta a questão: com base nessas verdades, como temos de agir, para podermos doar com mais desprendimento? O que podemos fazer se achamos que não temos muito, ou nada, para dar — se sentimos que já temos problemas demais apenas cuidando de nós mesmos e de nossas obrigações pessoais?

Podemos dar graças a Deus por tudo o que Ele é e por tudo o que Ele nos deu, podemos agradecer por sermos Sua amada criação. Isso ajuda a abrir o caminho para trazer a abundância do bem de Deus para nossa experiência.

A gratidão cristã reconhece que Deus nos propicia um poço cheio do qual podemos extrair esse bem e compartilhá-lo com os outros. Sabendo o que já possuímos espiritualmente, não precisamos estocar nosso bem, nem hesitar em compartilhá-lo, por receio de que ele possa se esgotar, ou de que não teremos o suficiente para nós mesmos. E ainda que achemos que

não temos o suficiente desse bem, a gratidão a Deus nos desperta para o fato espiritual de que temos muito para dar.

Certa ocasião, tudo estava indo bem em minha vida. Eu tinha um emprego novo e novas amizades. Inesperadamente, porém, a situação se modificou. Os relacionamentos mudaram e comecei a me sentir insatisfeito no trabalho. Sem alegria e sem confiança, afastei-me dos outros a ponto de me sentir muito isolado.

Nesse estado de desânimo, procurei uma praticista da Ciência Cristã para me ajudar a orar a respeito da situação. Ela me incentivou a parar de me concentrar no que eu achava que havia perdido ou que me faltava. Em vez disso, ela me pediu que eu reconhecesse o que já possuía e fosse grato por isso. Ela também me pediu que fizesse uma lista das coisas pelas quais eu era grato, principalmente das qualidades valiosas que Deus me havia dado, e que eu expressava para abençoar os outros.

Isso me fez lembrar de Eliseu, na Bíblia, quando perguntou à viúva que não tinha dinheiro nenhum: “Dize-me que é o que tens em casa” (2 Reis 4:2). Ela tinha somente uma botija de azeite, mas logo constatou que, confiando na provisão de Deus, aquele azeite acabou se multiplicando e supriu as necessidades dela.

Quando comecei a enumerar o que eu tinha em minha “casa”, ou seja, as qualidades espirituais em minha consciência, e em minha experiência, pelas quais eu era grato — a lista começou a crescer muito rapidamente. Vi que eu amava a Deus e a Ciência Cristã desde pequeno, e que eu gostava de ser gentil com os outros, de fazer meu trabalho de maneira consciente e inteligente e de cuidar de jovens. Compreendi que eu não havia gerado essas qualidades por meio da força de vontade humana, mas que as tinha por reflexo. Afirmei que, por ser a imagem e semelhança de Deus, eu expressava essas qualidades naturalmente. A Sra. Eddy escreve: “O homem brilha com luz emprestada. Ele reflete a Deus, porque Deus é a Mente do homem, e esse reflexo é substância — a substância do bem” (*Retrospecção e Introspecção*, p. 57). Eu sabia que Deus não é mesquinho! Fiquei profundamente grato pela abundância com que

Ele já havia me suprido, e eu sabia que as circunstâncias não poderiam me tirar essa abundância.

Pouco tempo depois, meu supervisor disse que havia observado meu bom desempenho no trabalho e que, muito embora não fosse comum no escritório, ele iria me dar uma gratificação em dinheiro. Na mesma época, um colega de trabalho comentou que estava procurando alguém de confiança e com facilidade no trato com jovens, para cuidar de seus filhos quando ele e a esposa viajassem no fim de semana. Também disse que meu nome lhe havia sido recomendado. Acabei tendo um fim de semana maravilhoso com as crianças, e desenvolvi uma grande amizade com a família, amizade essa que durou muitos anos.

Uma coisa boa levou à outra, e tive um senso de renovação no trabalho e em meus relacionamentos. Mais importante ainda é que essa gratidão pelo que Deus me dá fez com que eu ficasse bastante aberto a mais oportunidades de abençoar os outros, inclusive como professor na Escola Dominical e, posteriormente, na prática pública da Ciência Cristã. Não pude deixar “... de coração, a todos [dar]” (*Hinário da Ciência Cristã*, 139, trad. © CSBD) — de expressar alegria e reconhecer a perfeição dos outros por onde eu passava.

Essa experiência me mostrou que a gratidão traz à luz, e magnifica, o bem de Deus que já está presente. Um coração grato permite que o bem se multiplique, e abre as portas para o reino dos céus, o reino da harmonia, neste exato momento. Um coração grato é um coração pleno, sem espaço para preocupações, receio do futuro, ansiedade, egocentrismo ou para a vontade do ego. Permite-nos reconhecer que somos filhos plenos e completos do Amor divino, com algo vital para dar. Faz-nos sentir estáveis, seguros e confiantes, sem inveja dos outros e sem querer ter o que eles têm.

A gratidão não consiste em esperar que as circunstâncias se modifiquem, para podermos ser felizes ou doar com liberalidade. Na verdade, a gratidão modifica as circunstâncias! Quando Jesus foi chamado para ressuscitar Lázaro, ele expressou gratidão antecipadamente, orando desta forma: “Pai, graças te dou porque me ouviste” (João 11:41). Com esse

coração grato, ele chamou Lázaro, e mandou em alta voz que saísse do túmulo. E Lázaro assim fez.

Não podemos nós expressar nossa gratidão antecipadamente, como fez Jesus? Mesmo antes de um problema ceder à oração, podemos dizer: “Obrigado, querido Deus, por tudo o que Tu me deste” — reconhecendo que, apesar do quadro que se apresenta diante de nós, nossa perfeição espiritual criada por Deus já está presente.

Os Cientistas Cristãos têm algo de vital importância para apresentar ao mundo: uma compreensão da Ciência do Cristo que traz cura e transformação — física, moral e espiritualmente. Por meio da gratidão percebemos que temos, de fato, algo para dar e o ímpeto divino para fazer essa doação.

O poema da Sra. Eddy intitulado “Cristo, meu refúgio” termina com a seguinte estrofe:

Minha oração é que eu faça diariamente o bem
aos Teus, por Ti;
é uma oferta pura do Amor, à qual
Deus me guia.

(*Escritos Diversos 1883-1896*, p. 397)

parecia mais estável. Essa pergunta também é bastante frequente em um nível mais pessoal, quando se fala de saúde e de relacionamentos.

Uma versão diferente foi ouvida em tempos bíblicos, quando autoridades religiosas desafiaram Cristo Jesus, perguntando-lhe quando viria o reino de Deus. Jesus respondeu: “...Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17:20, 21).

Muitos séculos depois, Mary Baker Eddy, a Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã, ampliou essa resposta em seu livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*: “Esse reino de Deus ‘está dentro de vós’ — está ao alcance da consciência do homem agora, e a ideia espiritual o revela. Na Ciência divina, o homem possui conscientemente esse conhecimento da harmonia, na medida de sua compreensão de Deus” (p. 576).

A harmonia pela qual ansiamos não depende de pessoas ou de uma determinada confluência de fatores. Ela está no pensamento espiritual que reconhece que Deus, o Espírito, é o Princípio da vida; que Ele é o Amor imortal, a base de nossos relacionamentos; e que Ele é a única Mente infinita, a inteligência que tudo governa. O pensamento espiritual eleva a experiência humana, inspirando nossas atividades e nos guiando, mesmo quando nos deparamos com informações contraditórias ou escolhas que parecem nos confundir.

Essa dinâmica é evidente no trabalho de cura realizado por Jesus. Pouco antes de as autoridades religiosas o questionarem a respeito do reino dos céus, ele havia curado dez leprosos (ver Lucas 17:12-19). De acordo com o relato bíblico, quando ele entrou em uma aldeia, os leprosos de longe lhe gritaram, pedindo que ele se compadecesse deles. Jesus disse àqueles homens que eles deveriam ir e se mostrar aos sacerdotes — detentores da autoridade legal para confirmar sua cura — de modo a poderem reintegrar-se à sociedade. “Aconteceu que, indo eles, foram purificados”, lemos no Evangelho, embora apenas um dos homens tenha voltado para dar glória a Deus. Jesus lhe disse: “... Levanta-te e vai; a tua fé te salvou”.

O bem já está ao nosso alcance

Joanne Leedom-Ackerman

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 8 de setembro de 2025.

Esta é uma pergunta que se faz há muito tempo: Quando virão os bons tempos? Ou, quando voltarão? Hoje em dia, ela geralmente é feita por quem acredita que as coisas no passado eram melhores. Para essas pessoas, antigamente não havia tanta intolerância e as comunidades eram menos divididas, era mais fácil administrar nossas despesas e a situação econômica

Naquela época, a lepra era uma doença temida, considerada altamente contagiosa e um grande problema para famílias e comunidades. Jesus, porém, curou aqueles dez homens e muitos mais. Outro leproso lhe implorou: "...Senhor, se quiseres, podes purificarme. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra" (Mateus 8:2, 3). Jesus tocou o homem que, de acordo com os outros, não deveria ser tocado.

O Mestre não analisava a doença nem discutia seus sintomas e provável curso. Ele ignorava os processos e diagnósticos materiais, e suas curas abençoavam não apenas indivíduos específicos, mas comunidades inteiras, permitindo o retorno à vida em sociedade daqueles que haviam sido excluídos.

Ao ponderar sobre as curas de Jesus, a Sra. Eddy observa: "Na Ciência divina, o homem é a imagem fiel de Deus. A natureza divina teve sua melhor expressão em Cristo Jesus, o qual lançou sobre os mortais um reflexo mais nítido de Deus e elevou a vida deles a um nível mais alto do que lhes permitiam seus pobres modelos de pensamentos — pensamentos que apresentavam um homem expulso da graça divina, doente, pecador e moribundo. A compreensão como a de Cristo a respeito do existir científico e da cura divina inclui o Princípio perfeito e a ideia perfeita — Deus perfeito e homem perfeito — como base do pensamento e da demonstração" (*Ciência e Saúde*, p. 259).

Quando enfrentamos algum problema — seja referente a relacionamentos, à nossa saúde ou mesmo à situação política e econômica — se começamos com Deus e Sua semelhança, e compreendemos que Ele é totalmente bom, e que o homem (a verdadeira identidade de cada um de nós) é o reflexo ou a expressão de Deus, estamos, na verdade, começando pela solução.

Podemos pensar da seguinte maneira: o reflexo mostra o original refletido no espelho. Seu reflexo não pisca, a menos que você pisque. Não tem uma cor de cabelo diferente da sua, nem veste outras roupas. O original determina o reflexo. Por isso, compreender a natureza harmoniosa do original, Deus, é o modo de reconhecer a harmonia de nosso verdadeiro existir como Sua

semelhança, a qual podemos vivenciar em nosso dia a dia e expressar em nossa comunidade.

Em muitas ocasiões, constatei que focar meu pensamento em Deus, o Espírito, e na perfeição espiritual, resultou em curas físicas e trouxe harmonia a relações humanas difíceis. Certa vez, durante uma viagem a trabalho em outro país, caí ao descer uma escada de pedra bastante íngreme. Algumas pessoas do grupo com quem eu estava ficaram preocupadas e quiseram procurar ajuda médica, mas eu lhes disse que só precisava me sentar e ficar em silêncio por alguns minutos.

Afastei-me do restante do grupo e recorri em oração a Deus — a fonte de minha vida e de minha mobilidade. Tive a certeza de que a presença constante de Deus confortava a mim, bem como ao grupo e à comunidade que estávamos visitando. Veio-me o seguinte pensamento: você é o homem criado por Deus, por isso você "não caiu em pecado, mas é reto, puro e livre". Essas palavras fazem parte desta passagem de *Ciência e Saúde*: "Pelo discernimento do oposto espiritual da materialidade, ou seja, o caminho pelo Cristo, a Verdade, o homem reabrirá, com a chave da Ciência divina, as portas do Paraíso, que as crenças humanas fecharam, e constatará que não caiu em pecado, mas é reto, puro e livre, sem precisar consultar almanaques para conhecer as probabilidades de sua vida ou do clima..." (p. 171).

A certeza da presença constante de Deus dissipou todo o medo de que eu tivesse sofrido uma queda perigosa, que pudesse resultar em um ferimento grave. Em vez disso, eu estava confiante em que minha verdadeira identidade é espiritual e em que eu não poia estar fora do cuidado amoroso de Deus. Logo pude retornar ao grupo e continuar o percurso, para surpresa de muitos, que ficavam perguntando: "Tem certeza de que você está bem?" Eu sabia que sim e, pelo resto daquela viagem rigorosa, pude desfrutar de liberdade total de movimentos.

Se houver uma reviravolta em alguma situação, uma obstrução inesperada no caminho ou até mesmo um grande revés, ainda assim podemos manter nosso pensamento em Deus — no Amor que é a bússola

a nos guiar, na Verdade que é a luz a iluminar o caminho, no Princípio que é a base sobre a qual nos apoiamos, e na Mente que é a sabedoria em comunicação conosco. Os relacionamentos em nossa vida não precisam envolver conflitos, como muitas situações sugerem — o bem contra o mal, o amor contra o ódio, a verdade contra a mentira, o Espírito contra a matéria. Nossa relacionamento é sempre com Deus.

Jesus tinha plena consciência de que a Vida divina expressa a natureza de Deus, o Amor e a Verdade, e é vivida graças aos pensamentos espirituais que em seguida assumem uma forma tangível em nossa experiência. Por conhecer a Deus dessa maneira, ele demonstrou o Cristo, o poder e a atuação do Amor, a Verdade e a Vida divinos, dissipando a crença limitante de que a vida esteja na matéria, e substituindo-a pela compreensão e evidência da vida eterna no Espírito.

Por que deveríamos querer conhecer a Deus?

Lindsey Taylor

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 4 de agosto de 2025.

Com a vasta gama de informações, conselhos e terapias disponíveis hoje em dia, alguns podem se perguntar por que alguém escolheria recorrer a Deus, em momentos de necessidade. Uma resposta irrefutável vem da experiência de Mary Baker Eddy, Descobridora da Ciência Cristã e de seu método de cura. Ela escreveu que o prelúdio de sua descoberta foi um desejo profundo que vinha desde a infância, o de "...buscar com afinco o conhecimento de Deus como o único grande e sempre presente alívio para as dores humanas" (*Retrospecção e Introspecção*, p. 31).

Durante muitos anos, sua busca a levou a aprofundar o estudo da Bíblia para aprender pelo exemplo de Cristo Jesus, que conhecia a Deus como Pai — "Pai nosso", como ele começou a Oração do Senhor — e que declarou, com profunda compreensão, que "...a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3).

Jesus conhecia seu Pai, Deus, o Espírito, como onipresente, sempre atuante, o bem ilimitado, a fonte e a substância da vida; aliás, ele sabia que Deus era a própria Vida, totalmente separada de um senso material de existência.

Curando incontáveis problemas de saúde, físicos e mentais, bem como vencendo problemas sociais e eventos climáticos violentos, Jesus cumpriu seu propósito, para nós, hoje, "reconhecemos o verdadeiro [Deus]" (ver 1 João 5:20). Quando também a Sra. Eddy veio a conhecer a Deus como o Espírito, a Vida, ela compreendeu que a vida eterna é totalmente espiritual e harmoniosa — livre dos problemas associados ao conceito de que a vida seja material. O fato de que a vida é espiritual despontou em seu pensamento receptivo, quando ela se acidentou gravemente. Como resultado dessa compreensão, ela se curou espontaneamente e quis aprender como curar os outros da mesma maneira.

Ela estudou a Bíblia por vários anos mais, até ter a certeza de que havia descoberto as leis divinas por meio das quais Jesus e seus discípulos haviam curado, e pôde provar que a vida eterna é a verdadeira vida de todos, agora mesmo. Ela apresentou sua descoberta no livro-texto da Ciência Cristã e alicerçou o livro nos ensinamentos de Cristo Jesus, escrevendo no Prefácio que conhecer a Deus corretamente "é a Vida eterna" (ver *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de Mary Baker Eddy, p. vii).

Conhecer e compreender a Deus é a base da oração que alivia não só as dores humanas individuais, como a tristeza, o medo, o pecado e a doença, mas também os problemas do mundo. É tão simples ter um único lugar no qual pedir ajuda: Deus! É por isso que desejamos conhecer a Deus.

Nas páginas de *Ciência e Saúde*, aprendemos a conhecer a Deus de uma maneira que pode ser prontamente compreendida e aplicada em todos os aspectos da vida. Aprendemos que a natureza de Deus tem muitas facetas, todas de igual valor para produzir e manter a

harmonia e o bem-estar. Deus é, não somente o Espírito, a Vida, a Verdade e o Amor onipotentes, mas é também a Mente, a Alma e o Princípio do bem perpétuo.

Na Bíblia, aprendemos que Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança — para ser como Ele. Podemos entender, então, que, quando conhecemos a Deus, conhecemos a nós mesmos como a semelhança dEle, refletindo todas as qualidades do Espírito, da Vida, da Verdade, do Amor divinos. Também podemos reconhecer que parentes, amigos, colegas de trabalho, até mesmo figuras públicas, são a semelhança de Deus — expressões espirituais da Mente divina. À medida que compreendemos nossa relação com Deus e fazemos com que a maneira como vivemos seja um testemunho dessa compreensão, nós demonstramos a vida eterna, a realidade da Vida que está além e acima de qualquer limitação física.

Conhecendo a plenitude de Deus como o Espírito, a Vida, a Verdade, o Amor, a Mente, a Alma e o Princípio, temos ao nosso alcance o aspecto específico da natureza divina que nos trará cura, orientação, conforto e clareza — seja qual for a necessidade do momento. Por exemplo, conhecer a Deus como a Mente única infinita, que é perfeita e eternamente refletida pelo homem, elimina a crença errônea de que a capacidade mental possa ser perdida, e assim restaura a clareza mental.

Conhecer a Deus como a Alma, que manifesta no homem maneiras belas e divinas de pensar e agir, nos liberta de traços negativos de personalidade. Além disso, a paz, a alegria e a harmonia da Alma, que o homem naturalmente manifesta, eliminam o estresse.

Talvez conheçamos melhor a Deus como o Amor — o Amor puro, imutável, todo-abrangente. Saber que todos refletem esse Amor divino como parte de sua própria natureza, por meio de qualidades como desprendimento do ego, paciência e cooperação, cura relacionamentos conturbados.

Nós vivemos pela mesma lei da Vida que governava a Jesus. Conhecer a Deus como nossa Vida nos liberta do medo da doença e da morte. Por sermos expressões espirituais da Vida divina, não estamos sujeitos à crença de que a doença, a idade, as alegações de mau funcionamento ou deterioração sejam

reais e inevitáveis. Pelo contrário, vivemos a Vida eterna, que sempre foi, é, e sempre será perfeita. Refletimos a perpétua energia, atividade e liberdade da Vida, que nunca termina nem diminui, nem sequer minimamente.

Conhecer a Deus como o Princípio divino da harmonia subjacente a todas as leis que governam o homem e o universo nos dá o rigor espiritual de que precisamos para lidar com as tendências adversas na política, na economia e no meio ambiente. E conhecer a Deus como a Verdade sempre presente, a fonte de todo o verdadeiro conhecimento, incute em nós a compreensão espiritual que erradica qualquer senso errôneo de que a vida seja mortal, material ou imperfeita. Isso nos dá a liberdade para percebermos que vivemos no reino de Deus agora, e que somos governados pela lei divina do bem.

Esses são apenas alguns dos muitos motivos para conhecermos a Deus! Aliás, quando a Sra. Eddy encontrou o verdadeiro conhecimento de Deus e do homem como a semelhança de Deus, ela foi curada da invalidez crônica de que sofria desde a infância, e dedicou a segunda metade de sua vida a apresentar ao mundo o efeito transformador de se conhecer a Deus.

Ela fundou A Igreja de Cristo, Cientista, com suas filiais ao redor do mundo, para ser atuante nas comunidades ao propiciar a alegria de se conhecer a Deus como o “alívio para as dores humanas”. Para os membros de uma igreja filial na Pensilvânia, ela escreveu: “Deus é nosso Pai e nossa Mãe, nosso Pastor e o grande Médico; Ele é o único verdadeiro parente do homem, na terra e no céu” (*Escritos Diversos 1883–1896*, p. 151). Conhecer a Deus como nosso Pai e Mãe — nosso Pastor e nosso Médico — significa saber onde podemos infalivelmente encontrar amor, apoio, conforto, orientação e cura. Que perspectiva maravilhosa!

A criação de Deus está em pleno funcionamento

Susan Booth Mack Snipes

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 28 de outubro de 2024.

Estudo a Ciência Cristã desde pequena, aceitei que o homem é a imagem e semelhança de Deus, conforme aprendemos no primeiro capítulo do Gênesis, e tive curas por compreender que o homem é, portanto, espiritual. Lembro-me, porém, de uma época em que eu estava excessivamente focada no conceito de vida como uma jornada espiritual que exigia esforço para fazer progresso. Eu sentia o peso de um senso exagerado de responsabilidade pessoal. Devemos sim, obedecer e atender ao chamado de Deus com humildade, mas, ao assistir a uma conferência da Ciência Cristã sobre a infinitude de Deus, digamos que as paredes e o teto de minha compreensão a respeito da criação de Deus deixaram de ser tão limitados! Comecei a ver que havia algumas lições importantes que deveria aprender.

Tive um vislumbre de que todos pertencemos, de maneira eterna e atemporal a Deus, a Mente, o Princípio divino e infinito do universo, e que nenhum de nós está em uma “jornada” para se tornar espiritual, pois já somos espirituais. A Vida, Deus, não depende de que nós atuemos como a causa de algo. A Vida nos mantém perfeitamente de acordo com a lei divina; todos somos necessários à Vida como efeito, não como causa de algo. E a Vida não é opcional, ou seja, não podemos optar por ser ou não ser o efeito da Vida. Todas essas são verdades poderosas para a cura.

Mary Baker Eddy explica com eloquência: “A Ciência Cristã refuta tudo aquilo que não seja um postulado do Princípio divino, Deus. É a alma da filosofia divina, e não há nenhuma outra filosofia. A Ciência Cristã não é uma busca pela sabedoria, é a sabedoria: é a destra de Deus que abarca o universo — todo o tempo, o espaço, a imortalidade, o pensamento, a dimensão, a causa e o efeito; que constitui e governa toda a identidade, a individualidade, a lei e o poder. A Ciência Cristã está firmada nesta plataforma bíblica: que Deus fez tudo o que foi feito, e tudo é bom, tudo reflete a Mente divina e

é por ela governado; e que nada, a não ser essa Mente, o Deus uno e único, é criado por si mesmo ou faz surgir o universo” (*Escritos Diversos 1883-1896*, p. 364).

Essa ideia de que nada, a não ser Deus, “é criado por si mesmo ou faz surgir o universo”, tem crescido e se tornado uma fonte de cura para mim. Uma expressão que uso para resumir essa realidade é que tudo está “em pleno funcionamento”. Significa que tudo opera e funciona de modo adequado e normal. Essa expressão me ajuda a olhar para fora das circunstâncias humanas, as quais sugerem que as pessoas e as situações estejam desmoronando, envelhecendo, assoladas por lutas e males e pela imaturidade, e me permite vislumbrar a verdade na Ciência Cristã de que, por sermos espirituais e não materiais, não vivemos em um estado incompleto e frágil.

A expressão “em pleno funcionamento” me ajuda a ver que, no universo das ideias ilimitadas de Deus, tudo está plenamente manifestado, preservado por seu Princípio, cumprindo harmoniosamente seu inevitável papel no âmbito do infinito. Isso até mesmo significa que as pessoas que já faleceram, embora não estejam em nosso campo de visão, também estão, na realidade, em pleno funcionamento. E aqueles que convivem conosco neste momento, embora pareçam estar humanamente em diferentes condições de vida, na realidade estão em pleno funcionamento, intocados por qualquer história de sofrimento.

Um ano, na época do Natal, eu ponderava essa ideia do “pleno funcionamento” e a Lição Bíblica do *Livrete Trimestral da Ciência Cristã* incluía a história do nascimento de João Batista e de Jesus. Ela me fez pensar em como os pais de cada um dos dois devem ter tido um vislumbre de que o homem é a eterna manifestação do Deus infinito. Esse vislumbre foi o que anulou as leis finitas de esterilidade (no caso de Isabel) e de reprodução sexuada (no caso de Maria). As ideias da Mente que antes pareciam invisíveis já estavam de fato em pleno funcionamento. Elas se tornaram visíveis quando a compreensão da eterna coexistência do homem com Deus foi acolhida na consciência.

Acredito que todos nós, em alguns momentos, sejamos tentados a focar, com intensidade, aquilo que parece ser

uma jornada humana. Isso, no entanto, faz com que o verdadeiro propósito, de nossa oração e de nossa prática da Ciência Cristã, seja mal compreendido. A Sra. Eddy nos encoraja: “Viver de maneira a manter a consciência humana em constante relação com o que é divino, espiritual e eterno, é individualizar o poder infinito; e isso é a Ciência Cristã” (*The First Church of Christ, Scientist, and Miscellany* [A Primeira Igreja de Cristo, Cientista, e Outros Textos], p. 160).

À medida que nos mantemos conscientes de que somos a manifestação individualizada e infinita do Espírito, reconhecemos o poder ilimitado de Deus em todas as situações. Quando percebemos que a integridade e a harmonia já estão presentes para sempre, a cura é mais imediata e segura.

Então, como colocar isso em prática? Como o conceito do “pleno funcionamento” se torna uma demonstração? Vou contar dois exemplos de minha própria experiência.

Em meu trabalho como praticista da Ciência Cristã, um dia recebi o pedido de ajuda de um empresário, cujo cliente o havia contratado para desenvolver um *software*. O trabalho fora feito com cuidado, mas o programa não estava funcionando como deveria. Devido a isso, o cliente estava perdendo alguns negócios e o empresário estava com medo e sentindo-se pressionado. Assegurei-lhe que a Mente divina é onisciente e onipresente e, quando desliguei o telefone orei para ouvir o que a Mente iria dizer para corrigir a mentira de que Deus não é Tudo. Imediatamente, ouvi: “Não há obstruções na Mente”. Perguntei em voz alta: “Então essa obstrução vai desaparecer?” Dessa vez, a resposta foi ainda mais enfática: “*Não há obstruções na Mente*”.

Foi então que tudo ficou claro. Toda ideia já está em pleno funcionamento na Mente, sem nenhuma falha. É nossa aceitação dessa verdade que permite que esse fato seja constatado, assim como as leis da aerodinâmica já existiam antes mesmo de o avião ser inventado; contudo, foi preciso tomar conhecimento dessas leis e nelas confiar para poder aplicá-las.

O telefone tocou. Era o empresário telefonando para dizer que seus olhos haviam sido guiados diretamente a um dígito específico, entre tantos milhares, e aquele

era a causa do problema; ele o alterou e o programa começou a funcionar perfeitamente.

Mais recentemente, uma mulher pediu ajuda de emergência para o marido. Ele havia saído para jogar *pickleball* em um dia muito quente. Quando chegou em casa, desmaiou. Eu estava em uma loja fazendo compras, quando recebi o telefonema e parei por alguns instantes para ouvir exatamente o que fazer. A inspiração específica veio com muita clareza: “Fique fora dessa emergência. Fique no ‘esconderijo do Altíssimo’ onde tudo está em pleno funcionamento”.

Também me veio ao pensamento esta passagem de *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*: “Inteiramente separada da crença e sonho no viver material, está a Vida divina, que revela a compreensão espiritual e a consciência do domínio que o homem tem sobre toda a terra. Essa compreensão expulsa o erro e cura o doente, e com ela podes falar ‘como quem tem autoridade’” (Mary Baker Eddy, p. 14).

Fui inspirada a terminar as compras com calma, orando o tempo todo, bem consciente de que aquele homem, sua esposa e todos os que estavam na loja eram necessários para a plenitude do Deus infinito e, portanto, completos e seguros.

A caminho de casa, recebi outro telefonema da esposa e ela colocou o marido para conversar comigo no viva-voz. Falei-lhe algumas verdades espirituais com as quais estivera trabalhando e ponderamos juntos a respeito delas. Em menos de uma hora, recebi a mensagem de que ele estava muito melhor. Ele me telefonou mais tarde para dizer que a cura estava completa.

Temos uma visão mais elevada da criação com o poema “Manhã de Natal” da Sra. Eddy, que fala sobre o Cristo como “Suave luz de paz, Amor”:

Suave luz de paz, Amor,
Não és mortal.
Verdade, Vida, teu valor
desfaz o mal...

(*Hinário da Ciência Cristã*, 23, trad. © CSBD)

Portanto, toda a criação continua eternamente como a necessária “suave luz” do Amor divino. O plano de Deus é que sejamos o perfeito efeito dessa causa infinita. Isso não é opcional. Estamos para sempre em pleno funcionamento.

Apesar dos esforços de Jesus e de João, nossa cultura ainda convive com o mito de um reino de Deus bem distante.

Mary Baker Eddy, em seu livro inspirador, intitulado *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, nos estimula a entrar, mentalmente, nesse reino de Deus. Referindo-se ao que João descreve como um “novo céu” e uma “nova terra”, a Sra. Eddy pergunta: “Já pensaste alguma vez nesse céu e nessa terra, habitados por seres sob o controle da sabedoria suprema?” (p. 91).

Ela está se referindo, de fato, à nossa morada. Nossa verdadeira habitação.

Tenho de admitir que, nas primeiras vezes em que li a descrição que João faz da cidade santa, esta não me pareceu de muito bom gosto. Ouro e pedras preciosas por todo lado, e até portas de pérolas. Mas, aos poucos, comprehendi o extremo apreço da Sra. Eddy pela capacidade manifestada por S. João de ver e valorizar essa Nova Jerusalém.

A Sra. Eddy tinha muita consideração pelo fato de essa cidade ter se tornado visível a João, e ressalta que isso ocorreu “...enquanto ele ainda habitava com os mortais” (*Ciência e Saúde*, p. 576).

É claro que a beleza que S. João estava descrevendo é o símbolo da perfeição espiritual dessa nossa verdadeira casa.

Na verdade, passei a dar valor a cada um dos variados detalhes que João inclui em seu relato, entendendo que eles têm um significado simbólico. Para mim, o que há de mais valioso é a descrição da relação super próxima do homem com Deus. Quando começa a descrever a “cidade santa”, João diz que ouviu “...grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Apocalipse 21:3).

Eugene Peterson, estudioso da Bíblia, parafraseando esse versículo, enfatiza o quanto íntimo é esse relacionamento. Ele escreve: “Deus ... faz sua morada com os homens e as mulheres! Eles são seu povo, Ele é o Deus deles” (The Message [A Mensagem]).

Fixar residência no reino de Deus

John Tyler

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 26 de maio de 2025.

O livro de John Bunyan, *O peregrino*, considerado uma das mais importantes obras de ficção teológica da literatura inglesa, descreve a longa e árdua jornada de “Cristão”, o herói da história, em busca da “Cidade Celestial”, o reino de Deus.

Ironicamente, a premissa dessa história, tida como o primeiro livro de ficção escrito no idioma inglês, é o mito de que o reino de Deus está muito longe de todos nós. No entanto, há mais de 2.000 anos, Cristo Jesus quis que seus seguidores não fossem enganados por esse mito. Sua primeira ordem, ao iniciar o ministério público, foi: “Arrependei-vos [que significa, no original grego, mudai a vossa perspectiva], porque está próximo o reino dos céus” (Mateus 4:17). “Está próximo” significa que “neste exato momento nós, de fato, estamos no reino”.

No evangelho de Lucas, enfatizando a natureza totalmente mental do reino de Deus e do nosso lugar nele, Jesus diz que esse reino não está apenas super próximo, mas “dentro de vós” (17:21). No livro do Apocalipse, João vai ainda mais longe e descreve em detalhes simbólicos “a cidade santa, a nova Jerusalém” (21:2).

João não apenas ressalta a proximidade do homem com Deus, mas também dá ênfase à natureza terna e amorosa dessa relação: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima...” (Apocalipse 21:4).

Há algum tempo, tive a oportunidade de aprofundar minha compreensão a respeito do que significa estabelecer residência no reino de Deus. Eu havia sido designado para dar conferências na África Ocidental. Grande parte da viagem seria na Nigéria, e ocorreria durante o período da guerra civil que estava ocorrendo naquele país, conhecida como a Guerra de Biafra. Embora eu não fosse ficar na zona do conflito, precisava passar por diversos postos de controle, conhecidos pelas inspeções, às vezes violentas, que faziam.

A guerra aproximava-se do final, mas as imagens mostradas no noticiário da televisão eram exatamente o oposto do reino de Deus descrito por João. Dei-me conta de que, naquela viagem, haveria uma grande necessidade de oração dedicada, por isso comecei a orar. Inicialmente, concentrei-me naquilo que a Sra. Eddy denomina “armadura do Amor”, uma proteção total — que eu compreendia ser um tipo de campo de força de segurança, sem nenhuma fissura (ver

Ciência e Saúde, p. 571).

Mas então duas ideias me ocorreram.

• A primeira foi de que eu não precisava esperar. Eu já podia — antes mesmo de iniciar a viagem — estabelecer mentalmente minha residência no reino de Deus. Afinal, essa residência não tinha uma localização geográfica. Pelo contrário, ela consistia no universal e onipresente governo do Amor divino.

• A segunda foi de que, em vez de adotar uma postura defensiva, eu poderia seguir em frente, reconhecendo que esse reino de Deus já é habitado “por seres sob o controle da sabedoria suprema” — totalmente sob a supremacia da sabedoria.

Para mim, essa se tornou a descrição precisa de minha habitação, ou seja, do espaço *mental* no qual eu vivia. Eu estava estabelecendo minha residência no reino de Deus. Do ponto de vista humano, as pessoas com as quais eu convivia eram os habitantes

de Pittsburgh, no sudoeste do estado da Pensilvânia, onde eu morava na época. Em breve iria conviver com nigerianos, pertencentes às etnias igbo e iorubá, do sul da Nigéria. Dei-me conta de que eu poderia compreender espiritualmente que todos fazíamos parte do reino espiritual de Deus. Esse reino era, na verdade, o único lugar em que poderíamos habitar, e ninguém estaria fora desse reino.

Nem sempre foi fácil, mas, com perseverança, consegui mudar minha perspectiva. Em vez de pensar que estava em um lugar onde eu necessitava de proteção, reconheci que estava no reino do Amor divino, dividindo esse espaço com outros filhos de Deus, meus irmãos e irmãs espirituais.

Mantive esse pensamento, fundamentado na oração, ao longo de toda aquela viagem como conferencista. Foi o complemento perfeito para as ideias da conferência, que falava sobre descobrir a criação espiritual de Deus, a verdadeira identidade de cada residente do reino do Amor. Durante o percurso, apenas uma vez fomos abordados por um guerrilheiro fortemente armado nos cobrando um “pedágio”. Ele ficou feliz em receber um exemplar de *Ciência e Saúde*, em vez do pagamento.

Para mim, sem dúvida, a parte mais bonita desse reino de Deus não é o panorama, mas sua rica gama de habitantes — a rica diversidade de pessoas que habitam essa cidade santa, cada uma expressando belas qualidades à semelhança de Deus, infinitamente indispensáveis, variadas com diferentes nuances, como as pedras preciosas que S. João identifica como parte do reino.

Acima de tudo, ao “entrar” nesse reino, sinto o poder revigorante daquele “que está assentado no trono” (Deus), e que anuncia: “...Eis que faço novas todas as coisas”, e “estas palavras são fiéis e verdadeiras” (Apocalipse 21:5).

Die Erkenntnis von GOTTES Schöpfung wirkt Abwertung entgegen

Daniel Bort

Dieser Artikel erschien ursprünglich am 14. August 2025 im Internet.

In meiner vierzigjährigen Berufstätigkeit als Anwalt sind mir gelegentlich Situationen begegnet, in denen Personen – zum Teil erfolgreich – versuchten, andere dazu zu bringen, Dinge zu tun oder zuzulassen, die sie sonst nie gutheißen würden. Eine dabei verwendete Taktik ist die Abwertung – ein Vorgang, bei dem man im Denken der Zielpersonen den ethischen Standard, der solch einem Vorgehen normalerweise im Wege steht, subtil und systematisch herabwürdigt. Abwertung zielt darauf ab, das Gute und Wahre zu zerstören; sie stiftet böswillig Verwirrung und ist von Grund auf unehrlich.

Allerdings ist sie nicht neu. Abwertung ist buchstäblich einer der ältesten Tricks in der Trickkiste. Das erste Kapitel der Genesis beschreibt, dass alles, was GOTT erschaffen hat, sehr gut war. Doch in einer abweichenden Schöpfungsgeschichte in nachfolgenden Kapiteln wertet eine Schlange im Garten Eden den ethischen Standard – nach dem GOTTES Gesetze befolgt werden – im Denken einer Bewohnerin des Gartens, nämlich Eva, ab.

Die Bibel erklärt, dass die Schlange listig war. Als Erstes hinterfragte sie die Existenz eines solchen Gesetzes und implizierte, dass es, falls es bestand, nicht Evas Nutzen diente und dass es unsinnig für sie war, es zu befolgen. Als Eva versuchte, GOTTES Gesetz zu verteidigen, sagte ihr die Schlange, dass GOTT sie täuschte – die Schlange warf GOTT genau das vor, was sie selbst gerade tat! Und mithilfe dieser Taktik überzeugte sie Eva, dass ihr etwas Wertvolles entging, wenn sie ihren ethischen Standard aufrechterhielt. Man muss Eva zugutehalten, dass sie hinterher reuevoll zugab, wie sie sich von der Schlange dazu hatte manipulieren lassen, eine Lüge zu glauben.

Abwertung, wie hier von der Schlange verübt, ist das, was Mary Baker Eddy, die Entdeckerin der Christlichen Wissenschaft, als tierischen Magnetismus

bezeichnet. Sie schreibt, dass tierischer Magnetismus „das sterbliche Gemüt zu irrigem Denken [treibt] und ... es zur Verübung von Taten [verführt], die der natürlichen Veranlagung fremd sind. Die Opfer verlieren ihre Individualität und lassen sich als williges Werkzeug benutzen, um die Pläne ihrer ärgsten Feinde auszuführen, nämlich derer, die ihre Selbstzerstörung beabsichtigen. Der tierische Magnetismus nährt argwöhnisches Misstrauen, wo Ehre gebührt; Furcht, wo Mut am stärksten sein sollte; Vertrauen, wo Vorsicht walten sollte; ein Gefühl der Sicherheit, wo größte Gefahr ist ...“ (*Die Erste Kirche Christi, Wissenschaftler, und Verschiedenes*, S. 211). Genau das ist bei Eva geschehen.

Jahrelang fand ich es in gewisser Weise tröstlich, bestimmte Personen des öffentlichen Lebens zu verachten, weil sie Wahrheit, Bescheidenheit, Rücksicht und Gesetzesstreue abwerteten. Und dann wurde mir vor ein paar Jahren klar, dass ich durch diese Verachtung selbst einen ethischen Standard herabwürdigte, noch dazu einen, den Jesus uns vorgegeben hat: „Liebt eure Feinde, segnet, die euch fluchen, tut denen Gutes, die euch hassen, betet für die, die euch beleidigen und verfolgen“ (Matthäus 5:44).

Mir wurde bewusst, dass ich diese Verachtung aufgeben musste – doch gehorsam zu sein fiel mir schwer. Ich machte erst Fortschritte, als ich mich fragte, ob GOTT den Gegenstand meiner Geringschätzung liebte. Das hatte überraschende Folgen.

Schon allein die Frage setzte eine Änderung meiner Denkweise über diese Personen in Gang. Wir lesen in der Bibel, dass GOTT sagte: „Meine Gedanken sind nicht eure Gedanken, und eure Wege sind nicht meine Wege, spricht der Herr; sondern so fiel der Himmel höher ist als die Erde, so sind auch meine Wege höher als eure Wege und meine Gedanken als eure Gedanken“ (Jesaja 55:8, 9). Somit war es erforderlich, dass ich meine falschen Vorstellungen über diese Personen aufgab – dass ich aufhörte zu sagen: „Nein, GOTT, Du begreifst nicht; lass mich erklären: Diese Leute sind schrecklich!“ – und stattdessen danach strebte, GOTTES Sichtweise von ihnen, Seinen Kindern, zu begreifen.

Erschafft GOTT schreckliche Menschen? Mrs. Eddy schreibt in *Wissenschaft und Gesundheit mit Schlüssel zur Heiligen Schrift* (S. 444): „Die Unsterblichen, oder die Kinder GOTTES in der göttlichen Wissenschaft, sind eine harmonische Familie ...“, fügt dann aber hinzu: „... die Sterblichen oder die ‚Menschenkinder‘ im materiellen Sinne sind unharmonisch und oft falsche Brüder.“ Und an anderer Stelle im selben Buch (S. 409) schreibt sie: „Der wirkliche Mensch ist geistig und unsterblich, aber die sterblichen und unvollkommenen sogenannten ‚Menschenkinder‘ sind Fälschungen von Anfang an, die zugunsten der reinen Wirklichkeit abgelegt werden müssen.“

Mrs. Eddy verstand so klar, was Jesus wusste und lehrte: „Der Geist ist es, der lebendig macht; das Fleisch ist nichts nütze. Die Worte, die ich rede, die sind Geist und sind Leben“ (Johannes 6:63). Die Botschaft ist, dass die materielle Existenz nicht das wahre Leben ist, und das bedeutet, dass GOTT diese Existenz nicht erschaffen hat. Vielmehr konzipiert GOTT, das göttliche GEMÜT, vollkommene, geistige Ideen, und diese gottähnlichen Ideen machen daher die Schöpfung aus.

Damit stellt sich die Frage: Wie reagiere ich auf diese Tatsache? Und konkret: Wie kann ich „diese Leute“ wirklich lieben?

Es ist eine Erleichterung zu wissen, dass niemand von uns gezwungen wird, Liebe zu generieren oder von irgendwo anders herzuholen und dann auf die vorliegende Situation anzuwenden. Vielmehr sind wir gefordert anzuerkennen, dass GOTT LIEBE ist und dass Seine Liebe daher bereits zugegen – von Natur aus in uns allen vorhanden – ist, denn „die göttliche LIEBE kann ihrer Manifestation oder ihres Gegenstandes nicht beraubt werden“ (*Wissenschaft und Gesundheit*, S. 304). Wir alle als Schöpfung der LIEBE sind sowohl die Manifestation als auch das Objekt der göttlichen LIEBE.

Dieser Wahrheit zu folgen hat mich – trotz der abwertenden Handlungen von Personen und meiner Reaktion darauf – zunehmend befähigt, GOTTES Liebe zu diesen Personen und mir wahrzunehmen und ferner das anzuerkennen, was GOTT auf dieser Grundlage über unsere Natur weiß, und diese Natur kann ich lieben. Für mich hat sich das als willkommener Schritt nach

vorn erwiesen. Doch ein wesentlicher Teil dieser Liebe – und der fordert beständigen Einsatz meinerseits – ist, meine vorherige Überzeugung von der Existenz böswilliger Egos aufzugeben, denn es gibt kein von dem *einen* unendlichen GEMÜT, GOTT, getrenntes Ego.

Das kann schwierig sein, doch ich praktiziere es, wenn ich an diejenigen denke, die meiner Ansicht nach von Abwertung betroffen sind. Ich habe erkannt, dass es nicht meine Aufgabe ist, andere von einer eingebildeten Stellung höherer menschlicher Weisheit aus zu belehren oder zu ändern. Meine Aufgabe besteht darin, meine Wahrnehmung anderer und von mir selbst demütig auf der Grundlage dessen zu berichtigen, was GOTT über unsere Natur weiß, und folgende Tatsache aus *Wissenschaft und Gesundheit* (S. 204) anzuerkennen: „... in der Wissenschaft kann man niemals sagen, dass der Mensch ein eigenes Gemüt habe, das sich von GOTT unterscheidet, von dem GEMÜT, das *alles* ist.“

Betrachten wir das einmal näher. Die geistige Tatsache ist, dass es kein „von GOTT getrenntes“ Ego und somit kein böses Ego gibt, das durch Abwertung dazu bewegt wird, etwas zu tun, andere zu hassen oder sich täuschen zu lassen. Das befähigt mich, mir in Situationen, in denen ich etwas Abweichendes denken könnte, mit Autorität und guten Ergebnissen zu sagen: „Das ist nicht mein Denken! Ich kann mir nur dessen bewusst sein, was GOTT über die Natur jedes Seiner Kinder weiß.“

Das bedeutet nicht, dass wir den Anspruch ignorieren, der Abwertung zugrunde liegt. Im Hinblick auf „das unsichtbare Unrecht ...“, das einzelnen oder der Gesellschaft angetan wird“, mahnt Mrs. Eddy (*Verschiedenes*, S. 211): „Dieser irrige Weg, das Verbergen der Sünde, um Harmonie aufrechtzuerhalten, lässt das Böse gewähren und gibt ihm die Freiheit, zunächst zu schwelen und dann in verzehrende Flammen auszubrechen. Alles, was der Irrtum verlangt, ist, in Ruhe gelassen zu werden; ebenso wie zu Jesu Zeit die unsauberer Geister ausriefen: ‚Was willst du von uns?‘“

Wir dürfen Abwertung also nicht zulassen. Wenn wir sie so aufdecken und verurteilen, wie die göttliche Weisheit es uns vorgibt, müssen wir erkennen, dass sie nichts als ein falscher, sterblicher Glaube ist – GOTT

hat Abwertung nicht erschaffen und auch nicht einem Seiner Kinder zugeordnet.

Der sechste Glaubenssatz der Christlichen Wissenschaft (siehe *Wissenschaft und Gesundheit*, S. 497) enthält das feierliche Gelöbnis, das GEMÜT anzustreben, das auch in Christus Jesus war. Und Mrs. Eddy beschreibt etwas von dem, was das von Jesus zum Ausdruck gebrachte GEMÜT wahrnimmt: „Jesus sah in der Wissenschaft den vollkommenen Menschen, der ihm da erschien, wo den Sterblichen der sündige sterbliche Mensch erscheint“ (ebd., S. 476–477).

Heute ziehe ich diesen Glaubenssatz und den danach zitierten Satz in Betracht, wenn ich versucht bin, jemanden als einen sündigen Sterblichen zu betrachten, der meiner Geringschätzung würdig ist. Ich gelobe in meinen Gebeten feierlich, zu wachen und zu beten, um in der Wissenschaft nur das zu sehen und zu lieben, was GOTT über die Natur der jeweiligen Person weiß. Das gelingt mal besser und mal schlechter, doch es hält der Prüfung jedes Gebets stand (siehe *Wissenschaft und Gesundheit*, S. 9) und fügt Gutes zur Waagschale des menschlichen Bewusstseins hinzu.

Ich fasse Mut durch die wachsende Überzeugung, dass dies eines der wichtigsten Dinge ist, die ich für die Welt tun kann.

coordenador da Equipe de Apoio à Escola Dominical, no Departamento de Atividades da Igreja.

Quando a Escola Dominical dA Igreja Mãe estava sendo organizada, no final de 1800, a Fundadora da Igreja, Mary Baker Eddy, escreveu aos membros envolvidos nesse trabalho. Em uma das cartas, ela disse: “Agora é o momento de vós, da Escola Dominical, vos organizardes e nomeardes um superintendente para conduzir as coisas com ordem” (Mary Baker Eddy para W. L. Johnson, 14 de dezembro de 1891; Lo3282, A Biblioteca Mary Baker Eddy, © A Coleção Mary Baker Eddy). Em outra carta, ela escreveu: “Chegou o momento de a Escola Dominical se organizar e nomear um Superintendente para dar atenção às pessoas de fora e convidá-las a fazer parte...” (Mary Baker Eddy para Ira O. Knapp, 14 de dezembro de 1891; Lo3414, A Biblioteca Mary Baker Eddy, © A Coleção Mary Baker Eddy).

Enquanto eu ponderava a respeito dessas instruções, também estava lendo o livro de Êxodo, na Bíblia, e ocorreu-me que a história de Moisés poderia ser um tipo de manual para os superintendentes. A partir da perspectiva daqueles a quem ele guiou através do Mar Vermelho rumo à liberdade, Moisés deve ter parecido esperto e hábil em “dar atenção às pessoas” e “convidá-las a fazer parte”, porém Moisés não achava que estava apto para fazer o trabalho de que Deus o havia encarregado. Afinal, ele estava relutante até mesmo em se comunicar com os israelitas, alegando a Deus que ele nunca fora “eloquente” (Êxodo 4:10). Essa relutância, fundamentada na crença de não estar qualificado para liderar, é semelhante a como eu me senti, quando me pediram para ser superintendente na Escola Dominical de minha filial da Igreja de Cristo, Cientista.

Moisés conhecia as necessidades de seu povo no Egito. Contudo, antes de seu encontro com Deus, no Monte Horebe, os esforços de Moisés para atender a essa necessidade estavam menos alinhados com a inspiração divina e mais com a vontade humana — e sua atuação rapidamente se voltou contra ele (ver Êxodo 2:11–15). Descobri que isto também se aplica à função de superintendente: tentar resolver qualquer problema com a vontade humana pode acabar em fracasso, ou o tiro sair pela culatra. Mas confiar na Mente divina, Deus, traz soluções permanentes e sanadoras.

“Dar atenção às pessoas ... e convidá-las a fazer parte”

Ian Gudger

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 5 de junho de 2025.

“**Existe um manual de instruções para ser superintendente da Escola Dominical?**” foi a pergunta que me fizeram recentemente. Recebo vários telefonemas com perguntas como essa, porque atualmente trabalho na Igreja Mãe, A Primeira Igreja de Cristo, Cientista, em Boston, EUA, como

No período em que eu fui superintendente, tivemos em nossa Escola Dominical um novo aluno que ficava perturbando a aula. No início, eu não sabia ao certo o que fazer. Tentei várias coisas para ajudá-lo e fazer com que se interessasse pela aula. Nada funcionou, aliás, a situação só piorou.

Certo dia, ao orar para encontrar uma solução, o *Manual da Igreja Mãe* sobre minha mesa estava aberto no artigo a respeito da Escola Dominical. Ao olhar para a página, as palavras *alunos novos* me chamaram a atenção: “A Escola Dominical de qualquer Igreja de Cristo, Cientista, pode receber alunos novos ou transferidos de outra Igreja de Cristo, Cientista, até a idade de vinte anos, mas nenhum aluno poderá permanecer na Escola Dominical de uma Igreja de Cristo, Cientista, depois de atingir a idade de vinte anos. Além do pessoal encarregado, professores e alunos, ninguém mais deve estar presente durante as atividades da Escola Dominical” (Mary Baker Eddy, p. 62).

Será que eu estava vendo esse menino como um verdadeiro aluno? Essa pergunta me fez reconhecer em oração que todo aluno da Escola Dominical é um estudante sincero da Bíblia — com o desejo de compreender espiritualmente as Escrituras e colocar seu aprendizado em prática.

À medida que continuei orando com essas ideias, humildemente buscando uma nova percepção, ocorreu-me que cada aluno, inclusive o menino que eu estava tentando ajudar, era filho de Deus, criado à Sua imagem e semelhança e, portanto, inteligente, perspicaz, criativo e atencioso.

No domingo seguinte, a atmosfera na Escola Dominical era diferente. Estava repleta de vida, alegria, vigor e interesse. Embora fosse necessária mais oração, esse aluno acabou se integrando muito mais com seus colegas de classe e nunca mais voltou a ter o comportamento anterior.

Quando instruído por Deus para libertar os israelitas, Moisés protestou. Não se sentia capacitado. Ele não achava que as pessoas acreditariam que havia sido enviado por Deus. Mas esse não foi o final da história de Moisés e também não precisa ser o final de nossa história. Nem a resistência que Moisés sentiu

inicialmente, nem os erros que cometeu ao longo do caminho, impediram que Deus o guiasse — ou que Moisés obedecesse. Talvez tenha sido a humildade de Moisés que o tornou um candidato tão bom para essa função e que o ajudou a ter êxito. Lembremo-nos das palavras encorajadoras de Deus para Moisés: “Quem fez a boca do homem? ... não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êxodo 4:11, 12).

Nessa conversa com Deus, Moisés aprendeu qual era a verdadeira fonte da liderança, que lançou e governou sua carreira divinamente designada. Sobre o efeito de sua carreira, a Sra. Eddy escreve: “Moisés fez progredir uma nação até a adoração de Deus em Espírito, em vez de na matéria, e mostrou as grandiosas capacidades humanas do existir, outorgadas pela Mente imortal” (*Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 200).

Como é encorajador saber que, assim como Moisés, nossas igrejas e Escolas Dominicais podem ajudar cada vez mais a comunidade a compreender a importância de adorar a Deus em Espírito! Essa é uma dádiva para nossa comunidade. É importante perceber que Moisés teve êxito, ao menos em parte, devido à sua visão de que não era ele o líder. Isso permitiu-lhe ser um genuíno seguidor de Deus. Sua certeza inabalável de que Deus estava no comando o fez progredir e permitiu-lhe manifestar a coragem moral necessária para confrontar o Faraó, guiar o povo em sua jornada, assegurar-lhes o alimento no deserto e revelar-lhes a aliança com Deus, a qual os tornaria moralmente fortes e livres.

Ele “deu atenção às pessoas” e as “convidou a fazer parte” de muitas maneiras durante sua carreira, à medida que os guiava rumo à Terra Prometida. Podemos fazer eco a esse importante trabalho em cada uma das Igrejas de Cristo, Cientista. Podemos dar atenção às pessoas, inclusive às crianças, na comunidade local — e humildemente convidá-las a descobrir o poder e a alegria de adorar a Deus em Espírito em vez de na matéria. Acreditamos nisso? Talvez a história de Moisés seja um bom exemplo exatamente pelo fato de ele achar que não estava qualificado. No entanto, assim como esteve com Moisés, Deus estará conosco a cada passo do caminho.

Talvez às vezes pensemos que “cuidar das pessoas” e “convidá-las a fazer parte” diz respeito apenas à comunidade local, mas não nos esqueçamos de que os outros membros da igreja precisam desse mesmo abraço caloroso.

No caso de uma filial em particular, com a qual conversei, um dos membros havia sido nomeado superintendente da Escola Dominical em um momento em que o sentimento geral da filial era o de que a Escola Dominical não tinha importância, porque não havia nenhum aluno. A oração guiou esse novo superintendente a conversar individualmente com os membros da igreja a respeito do valor dos jovens e da Escola Dominical, e aos poucos a perspectiva negativa mudou. Pouco tempo depois, os membros começaram a ver os resultados de valorizar os jovens, pois uma nova família começou a frequentar a igreja e seus filhos trouxeram luz, vigor e alegria a todos os cantos da igreja, inspirando frescor. O superintendente disse: “Diante disso, não foi surpresa ver os membros animados com a ideia de renovar a sala da Escola Dominical e prepará-la para receber mais alunos”. Hoje a igreja está muito animada com a Escola Dominical e recebe mais alunos regularmente.

Como é possível ver, o trabalho do superintendente da Escola Dominical é essencial para a igreja, seus membros e a comunidade. Nós queremos muito saber mais sobre essa importante atividade em sua vida e sua igreja. Convidamos você a contar sua experiência nessa atividade de “dar atenção” à sua igreja e comunidade e “convidá-los a fazer parte” dessa maravilhosa atividade que é a Escola Dominical. Qual o efeito que isso está tendo principalmente em sua Escola Dominical e em sua filial como um todo? Você pode enviar seu relato diretamente para os periódicos da Ciência Cristã ou contar na nova Christian Science Online Community [Comunidade on-line da Ciência Cristã] na área Sunday School Support [Apoio à Escola Dominical].

BOAS-NOVAS

Envolve sua comunidade no amor espiritual

Gloria Cecilia Caro Valderrama

Original em espanholPublicado anteriormente como um original para a Internet em 21 de julho de 2025.

Não consigo ficar indiferente, quando me deparo com notícias inquietantes sobre acontecimentos em minha comunidade e no mundo. Relatos sobre condutas fraudulentas, autoritarismo e violência parecem vir de toda parte e requerem as orações de todos. No entanto, talvez nos consideremos impotentes para fazer alguma coisa a esse respeito. Por vezes me pergunto: “...Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?” (Salmos 78:19). Ou seja, Deus pode nos ajudar? Posso realmente orar e ter fé em que minhas orações ajudarão a encontrar uma solução?

Há muitos anos, dei-me conta de que podemos responder *sim*, com firmeza e alegria. No bairro onde moro, circulavam notícias angustiantes que apresentavam um quadro sombrio de ruptura e ilegalidade. Os relatos citavam incidentes de vandalismo e apareceram pichações em muros de escolas e prédios do governo. Os acontecimentos apontavam para jovens da região insatisfeitos com a Prefeitura. Eles se rebelavam contra o que consideravam ser violações das políticas governamentais que deveriam garantir educação e alimentação de qualidade para crianças carentes, e oportunidades de emprego para jovens.

Ao orar, as ideias espirituais que me ocorreram iluminaram meu pensamento e logo minha tristeza se dissipou. Confiei em que tudo estava e estaria bem, porque Deus, o bem, não muda. Ontem e hoje, Ele é o mesmo Amor divino eterno e infinito, o poder único e onipresente. Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança, e o homem expressa a Deus.

Em vez de ficar preocupada, usei meu tempo procurando obedecer aos que Cristo Jesus indicou

como os mais importantes mandamentos: amar a Deus supremamente e amar o próximo como a nós mesmos. Afirmei que há um Deus infinito, o Amor, iluminando os pensamentos de todos na comunidade, inclusive dos jovens manifestantes, e que esse Amor guia e governa a todos com infinita ternura. Deus vê todos os Seus filhos como inocentes, puros e amorosos, porque são criados à Sua semelhança, portanto, são isentos de violência, ódio e vingança. Apeguei-me a esses pensamentos de luz, reconhecendo que a escuridão e o mal não podem existir, pois não há lugar para o mal no Amor onipresente, que é Tudo o que existe.

Fiquei mais consciente de que Deus é todo-poderoso, que Ele corrige tudo o que é injusto no mundo, inclusive nos sistemas educacionais e no governo. Empenhei-me para ver a todos como Deus os vê — honestos e isentos de ego, livres de motivos impuros e desonestidade, expressando apenas as qualidades de Deus. Compreendi que essas qualidades espirituais fazem parte de nosso governo, e que o poder e a paz de Deus são vistos e sentidos. Compreendi que a desonestidade e os motivos egoístas e impuros são fraquezas humanas que não existem em Deus nem em Sua criação, pois estes são unicamente bons. Deus é luz e não há escuridão na luz. Compreendi que Deus, a Mente divina, já estava no controle, governando tudo.

Alguns meses depois, fiquei grata ao saber que a administração municipal fora reconhecida pela honestidade e integridade com que utilizara e distribuíra os recursos do município, e por ter concluído as obras planejadas. Não mais vi nem ouvi relatos de violência contra o governo municipal, e a paz voltou às ruas.

Em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, Mary Baker Eddy escreve: “Um só Deus infinito, o bem, unifica homens e nações; estabelece a fraternidade dos homens; põe fim às guerras; cumpre o preceito das Escrituras: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’; aniquila a idolatria pagã e a cristã — tudo o que está errado nos códigos sociais, civis, criminais, políticos e religiosos; estabelece a igualdade dos sexos; anula a maldição sobre o homem, e não deixa nada que possa pecar, sofrer, ser punido ou destruído” (p. 340). Em muitas ocasiões, esse trecho me deu confiança

na capacidade de Deus de unificar e governar a humanidade.

Há pouco tempo, novamente a tristeza e a decepção se dissiparam de meu pensamento, desta vez após o problema da propaganda enganosa vir à tona em nossa cidade. Tornara-se prática comum, em nosso país, redes de lojas e supermercados oferecerem brindes que depois não eram entregues. Eu já havia passado por essa experiência.

Em minhas orações afirmei que, na onipresença do todo-poderoso Amor divino, nem o engano nem a perda podem ocorrer. Isso era verdade para mim e para todos. Agradeci a Deus e afirmei que Ele é o mesmo eternamente, sempre no controle, corrigindo tudo o que está errado, e governando o homem. Orei, afirmando que o medo não poderia prevalecer em minha comunidade nem em qualquer parte do mundo. Lembrei-me de que “A Mente imortal, que tudo governa, tem de ser reconhecida como suprema, tanto no reino físico, assim chamado, como no espiritual” (*Ciência e Saúde*, p. 427).

Alguns dias depois, fui a uma loja fazer uma compra e uma funcionária se aproximou de mim e informou que, quando eu fosse fazer o pagamento, ela estaria me esperando para entregar um brinde a que eu tinha direito por ter comprado determinado produto. Recebi um item cujo valor era maior do que o brinde prometido anteriormente e que eu não havia recebido.

Para mim, essa foi mais uma prova de que a lei divina da harmonia e da paz está sempre presente e em ação. A desarmonia e o mal podem ser repreendidos — e curados — quando compreendemos nosso relacionamento inquebrantável com Deus, que governa Sua criação inteligentemente, com sabedoria e justiça.

Vivemos sob o governo de Deus

Eric Sonnesyn

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 30 de junho de 2025.

Aprendemos na Ciência Cristã que Deus é onipotente, onipresente e onisciente. E, visto que Deus é bom, deveríamos naturalmente ter a expectativa de que Seu governo seja bom — justo, correto e incorruptível, e expresse cordialidade e honestidade. Lemos na Bíblia: "...Não fará justiça o Juiz de toda a terra?" (Gênesis 18:25).

Então, como podemos vivenciar essa realidade em nossa vida diária? Podemos começar reconhecendo o que é verdadeiro. "O ponto de partida da Ciência divina é que Deus, o Espírito, é Tudo-em-tudo, e que não existe outro poder nem outra Mente — que Deus é o Amor e, por isso, Ele é o Princípio divino", escreve Mary Baker Eddy em *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*. "Para captar a realidade e a ordem do existir, na sua Ciência, tens de começar por reconhecer que Deus é o Princípio divino de tudo o que realmente existe" (p. 275).

Recentemente passei por uma experiência que me mostrou a importância de considerar esse ponto de vista espiritual no início de qualquer situação em nossa vida. Recebi em minha correspondência uma intimação com a foto do local onde funciona minha empresa, tirada durante o horário comercial. Dizia que eu estava violando uma portaria municipal e que deveria comparecer em juízo em uma data específica para pagar uma multa de algumas centenas de dólares. Compareci, e lá encontrei muitos outros empresários bastante aborrecidos.

Quando chegou minha vez de falar, perguntei à juíza se ela poderia anular a multa, que eu achava injusta. Ela respondeu que não tinha autoridade para fazer isso. Solicitei um adiamento de data e perguntei com quem eu precisaria falar para que a penalidade fosse cancelada. Recebi essa informação e minha solicitação de adiamento de data foi atendida.

Admito que demorou mais de uma semana para eu conseguir superar a irritação e a raiva. Eu precisava adquirir um senso mais elevado de que Deus é o Amor infinito, e confiar nessa verdade. Ponderei sobre várias declarações contidas em *Ciência e Saúde*: "O poder da Ciência Cristã e do Amor divino é onipotente" (p. 412); "Deus é infinito, portanto sempre presente, e não existe nenhum outro poder nem outra presença" (p. 471); "Nenhum poder pode resistir ao Amor divino" (p. 224).

Munido com um senso mais claro do Amor, e confiante na presença de Deus, fui ao órgão municipal indicado e pedi para falar com os funcionários encarregados do assunto. A mulher que havia tirado as fotos e seu chefe vieram falar comigo. Eu disse que queria falar a respeito da multa que me havia sido imposta, e que me parecia injusta. Disse-lhes também que podiam esperar apenas gentileza e cortesia de minha parte.

Conversamos com cordialidade por alguns minutos, e eles concordaram que a notificação era injusta. Enquanto o chefe voltava para a sala dele para retirar a notificação do banco de dados, fiquei conversando com a mulher que havia tirado as fotos. Não demorou muito para que ela perguntasse se eu era um pastor. Respondi que não havia sido ordenado pastor, mas que, naquela época eu estava ajudando a conduzir os cultos na nossa filial da Igreja de Cristo, Cientista, ocupando o cargo de Leitor. Fiquei feliz em lhe falar sobre o grande amor que Deus tinha por ela.

Quando o chefe voltou, nós nos despedimos e fui embora. Enquanto me dirigia para o estacionamento para pegar meu carro, a mulher saiu do prédio correndo, estendeu as mãos para mim e perguntou se eu poderia orar com ela. Segurei as mãos dela, e vivenciamos um momento muito especial orando juntos no estacionamento.

Em segurança na estrada

William Roger Strelow

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 27 de fevereiro de 2025.

Em meu trabalho na área de proteção ambiental, eu precisava dirigir bastante. Dirigi não apenas em meu país, os Estados Unidos, mas também nos diversos países para os quais viajei. Visto que sempre estudei a Ciência Cristã, oro constantemente para reconhecer que Deus, a Verdade divina, é minha defesa. Meu estudo da Verdade sempre foi uma orientação e proteção, não só para mim, como também para outros viajantes.

Ao longo dos anos, uma das ideias que mais me ajudou com o conceito de proteção foi a seguinte citação de *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de Mary Baker Eddy: “A história do Cristianismo contém provas sublimes da influência sustentadora e do poder protetor outorgados ao homem por seu Pai celestial, a Mente onipotente, que dá ao homem fé e compreensão por meio das quais se defender, não só da tentação, mas também do sofrimento físico” (p. 387). A Bíblia também tem muitos trechos úteis que nos acalmam, tais como: “Não to mandei eu? Sei forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares” (Josué 1:9). Declarações profundas como essas se mantiveram em evidência no meu pensar desde que aprendi a dirigir.

Certa manhã, quando minha esposa e eu estávamos na Alemanha, enfrentei um grande desafio no trânsito. Estávamos em uma área remota, com muita neve, quando o carro escorregou em uma curva acentuada, e as duas rodas dianteiras ficaram penduradas por sobre um barranco íngreme adjacente à estrada. Eu não tinha visto nenhum outro veículo por um bom tempo antes desse incidente. Imediatamente, orei para compreender a verdade de que Deus protege todos os Seus filhos, independentemente da situação, por mais assustadoras que pareçam as circunstâncias. Eu me recusei a permitir que o medo ou a dúvida perturbassem meu pensar. Minha esposa também estava orando.

Pouco depois de termos começado a orar, buscando a orientação divina de que necessitávamos, e que

tínhamos a certeza de que viria, um veículo parou atrás de nós. Era uma caminhonete que, “por acaso”, tinha na caçamba exatamente o equipamento necessário para puxar com facilidade nosso carro para um lugar seguro. Agradeci profundamente ao motorista da caminhonete pela gentileza. Ele disse que não estava planejando seguir por aquele percurso ermo, mas tinha sentido um impulso inexplicável de ir por ali. Eu sabia que aquilo que parecia ser “sorte” era, na verdade, o amor e a proteção de Deus em ação.

Continuei a viajar pelo mundo todo, sempre com inabalável alegria e gratidão, consciente de que a presença protetora de Deus estava comigo aonde quer que eu fosse. Nos anos seguintes, tive diversas experiências inspiradoras. Em uma ocasião, eu estava dirigindo de volta para casa, após uma viagem de esqui nos EUA, e me vi sozinho em uma estrada de mão dupla. A pista era estreita e estava coberta de neve. Ao me lembrar da infalível proteção de Deus e declarar verdades espirituais para mim mesmo em voz alta, veio um caminhão de grande porte, o qual parecia ter surgido do nada. Rapidamente me ultrapassou, mas logo reduziu bastante a velocidade, de modo que pude dirigir na trilha que seus pneus criavam na neve. Eu o segui por cerca de meia hora, até que o caminhão virou em um cruzamento, e exatamente daquele ponto em diante não havia mais neve na pista. O restante da viagem até minha hospedagem foi tranquilo.

Minha firme confiança e reconhecimento do que verdadeiramente protege o homem de situações perigosas no trânsito também já manteve minha família e a mim em segurança, muitas vezes desde essa ocasião. Ao longo dos anos, com frequência minha família tem mantido no pensamento o maravilhoso poema “Apascenta as minhas ovelhas”, de Mary Baker Eddy, e se regozija com suas ideias, pois nos asseguram que Deus, nosso Pastor, mostra a todos “...como andar, sobre a escarpa além...” e que “...pela senda rude [O] segue[mos] sempre com alegria” (*Escritos Diversos 1883-1896*, pp. 397-398). Quando elevamos nosso pensamento em oração do modo como a Ciência Cristã ensina, percebemos que somos protegidos ao

viajar pela “senda rude”, e conseguimos, em nosso dia a dia, compreender e comprovar o bem que vem de Deus.

e sentir a presença de Deus em todo lugar, não importa o que aconteça.

PARA CRIANÇAS

Como orei quando uma tempestade estava chegando

Jane

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 7 de julho de 2025.

Eu moro na Flórida, onde às vezes temos furacões.

Um dia, um furacão estava vindo em direção à nossa cidade. Fiquei com muito medo porque as notícias diziam que também havia tornados por perto. Pensei que um deles poderia atingir e destruir minha casa.

Mas aprendi na Escola Dominical da Ciência Cristã que Deus é o Amor e é totalmente bom, e que não há lugar onde Deus não esteja. Isso significa que o Amor está em toda parte.

Eu me senti segura com esses pensamentos. Sabia também que podia orar para proteger a mim e à minha família. Esse pensamento também me ajudou, e não senti mais medo.

Minha família e minha casa não foram atingidas pelas tempestades.

Agora entendo melhor que Deus está sempre cuidando de mim e de todos nós. Se algum dia eu ficar com medo, só preciso ouvir a Deus e os bons pensamentos que Ele me manda. Esses pensamentos me protegem.

Sou grata pelo que estou aprendendo na Escola Dominical da Ciência Cristã, e por saber que posso orar

PARA JOVENS

Uma colega me roubou minha melhor amiga

Holly Wayman

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 10 de fevereiro de 2025.

Sou imensamente grata por ter ficado livre do rancor que eu sentia em relação a uma garota que conheci na escola.

Durante a escola primária, uma menina tinha sido minha melhor amiga. Mas aconteceu que essa outra garota, de quem passei a não gostar, se intrometeu em nossa amizade e as duas ficaram muito chegadas, durante todo o ensino médio, me excluindo completamente. Fiquei muito ressentida por ver que meu lugar de melhor amiga havia sido roubado, e me sentia deixada de lado e desprezada. Eu tinha umas poucas amigas no ensino médio, mas geralmente ficava sozinha.

Terminado o ensino médio, lembra-me daquela garota de vez em quando, sempre de modo bastante negativo. Eu não conseguia superar a raiva e a mágoa.

Não sei em que momento, mas com o estudo da Ciência Cristã, dei-me conta de que não era certo manter sentimentos tão ruins. Eu sabia que era possível mudar a forma como pensava em relação àquela garota, e resolvi me empenhar nisso. Comecei a pensar nela como sabia que Deus a vê: gentil, atenciosa, bondosa e boa amiga. Sei que é assim que Deus a vê, pois é assim que Ele vê a todos nós. Deus é bom e nos fez semelhantes a Ele — bons e amorosos.

Pensei também em meus motivos para vencer a mágoa e o rancor. Um hino do *Hinário da Ciência Cristã* explica

isso muito bem: “Amai-vos todos—voz reveladora; / Do erro nos salvou, é libertadora” (Margaret Morrison, 179, trad. e alt. © CSBD).

Quando amamos, isso realmente faz com que nós fiquemos livres. Eu preferia muito mais sentir-me livre do que nutrir aqueles sentimentos negativos. Jesus nos ensina que devemos amar o próximo como a nós mesmos (ver Mateus 19:19).

Essas ideias me ajudaram a deixar para trás os sentimentos ruins relativos àquela garota, e assim o antigo ressentimento e a mágoa foram substituídos pela paz.

Passados quase quinze anos, reencontrei essa antiga colega de escola. Conversamos um pouco, e empenhei-me em manter pensamentos bondosos a seu respeito. Depois disso, não pensei muito nela.

Então, certo dia, do nada ela me ligou. Foi amigável e calorosa, e sugeriu que nos encontrássemos. Fiquei muito surpresa. Ela nunca se importara comigo durante o ensino médio, e não havíamos mantido contato por muitos anos. Compreendi que essa mudança era devida à ação de Deus, o Amor, e que eu podia receber essa bênção como o resultado direto de ter permitido que o Amor transformasse meu modo de pensar sobre ela.

Sou muito grata por essa nova amizade e pelo poder sanador do amor e do perdão.

RELATOS DE CURA

Gratidão por ter conhecido a Ciência Cristã

Maria Teresa Fuentes-Bórquez

Original em espanholPublicado anteriormente como um original para a Internet em 16 de junho de 2025.

Conheci a Ciência Cristã em 1974, por meio de um amigo que me convidou para assistir a um culto da

igreja. Poucos meses depois, quando eu era recém-casada e estávamos na estação de chuvas no Chile, minha garganta começou a me incomodar. Eu não conseguia engolir, não conseguia comer e tinha febre. Mas eu também tinha *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de autoria de Mary Baker Eddy.

Meu marido pediu que um médico viesse à nossa casa, e ele prescreveu diversos medicamentos, inclusive penicilina. Contudo, guardei os medicamentos e não disse nada. Fiquei na cama lendo *Ciência e Saúde* sem parar. O capítulo que mais chamou minha atenção foi “A ciência, a teologia e a medicina”. Continuei a ler e, de repente, compreendi que, assim como eu não precisava dos medicamentos, também não precisava ficar na cama, e me curei de todos os sintomas em cerca de três dias.

Essa experiência de cura e muitas outras fazem parte de minha jornada no estudo da Ciência Cristã. Sou muito grata por tudo o que aprendi com os praticistas da Ciência Cristã e, por meio de meu próprio estudo, especialmente porque não havia outros Cientistas Cristãos na região em que eu morava. Assim, *O Arauto da Ciência Cristã* em espanhol, a Bíblia e *Ciência e Saúde* me ajudaram muito. Sou muito grata pelo conhecimento que adquiri.

Outra experiência marcante, na qual apliquei os ensinamentos da Ciência Cristã, aconteceu há algum tempo. Uma parente próxima estava passando por uma situação financeira muito difícil, e eu lhe dei algum dinheiro. Ela me pediu para fazer um empréstimo bancário, e disse que ela faria os pagamentos mensais para saldá-lo. Fiz o que ela pediu, e nos primeiros meses ela foi muito pontual em me reembolsar o valor das prestações, mas, com o passar do tempo, os pagamentos começaram a rarear e ficar cada vez mais espaçados. Ela não pagava, e se recusava a atender aos meus telefonemas. Liguei muitas vezes e me sentia incomodada pelo fato de pagar por algo que não era minha responsabilidade.

Tive uma conversa muito boa sobre o assunto com uma praticista. Passei a focar nas qualidades divinas dessa parente e busquei referências a honestidade no *Arauto* e em *Ciência e Saúde*, no qual lemos: “A honestidade é poder

espiritual" (p. 453). Essa frase me tocou profundamente. Fiz uma lista mental das diversas qualidades espirituais que minha parente expressava e, quando li as citações sobre honestidade, incluí essa qualidade em meus pensamentos a respeito dela.

Também tomei uma decisão e disse a mim mesma que, como eu havia assumido esse compromisso, eu teria de ser a pessoa responsável perante o banco. De alguma forma, coloquei minha situação financeira em ordem e parei de ligar para minha parente e de insistir para que ela me reembolsasse. Continuei a trabalhar com o conceito de honestidade. A raiva que eu sentia em relação a ela se dissolveu e pude regularizar adequadamente a situação com o banco.

Poucos meses depois, minha parente disse que, naquele momento, poderia me pagar duas parcelas mensais do valor que me devia. E ela continuou a fazer os pagamentos até que, finalmente, saldou toda a dívida. Sou muito grata porque um relacionamento mais cordial, com alegria e gratidão, se estabeleceu entre nós. Parei de sentir raiva, e comecei a compreender a situação e a aceitar a ideia de que Deus satisfaz a toda necessidade.

María Teresa Fuentes-Bórquez

Paine, Chile

Reta e livre

Elisabeth Seaman

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 1º de setembro de 2025.

Estava quase na hora do jantar no condomínio onde moro. Meu filho, que mora em outro estado, estava me visitando. Apesar da noite estar fria, estávamos planejando jantar com alguns vizinhos em uma mesa no pátio, então decidi ir ao meu apartamento buscar um casaco. Não vi a perna de um dos moradores que estava

ajoelhado para verificar o aquecedor a gás, e tropecei. Ao cair, bati com a cabeça em uma quina de concreto.

Uma de minhas vizinhas gritou: "Oh, meu Deus!" e eu respondi: "Não fale assim!" e me levantei. Meu filho me acompanhou até o apartamento, que ficava a alguns passos dali. Eu disse a ele que estava bem, e somente queria verificar se a cabeça ou a perna estavam sujas de sangue. Não estavam, e meus vizinhos ficaram surpresos e contentes ao ver que eu estava bem.

Meu filho comentou que houvera outras vezes ao longo dos anos, em que ele me vira cair e imediatamente me levantar ilesa. Meu único pensamento naquela noite era: "não caí... mas sou reta, pura e livre". Essas palavras fazem parte da seguinte declaração, feita por Mary Baker Eddy em seu livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*: "Pelo discernimento do oposto espiritual da materialidade, ou seja, o caminho pelo Cristo, a Verdade, o homem reabrirá, com a chave da Ciência divina, as portas do Paraíso, que as crenças humanas fecharam, e constatará que não caiu em pecado, mas é reto, puro e livre, sem precisar consultar almanaque para conhecer as probabilidades de sua vida ou do clima, sem precisar estudar cerebrologia para chegar a compreender seu *status de homem*" (p. 171).

Atribuo minha recuperação rápida ao estudo diário da Bíblia e de *Ciência e Saúde*, o livro-texto da Ciência Cristã. O reconhecimento de que Deus é a única autoridade que preciso consultar quanto ao meu bem-estar, me mantém no caminho certo para compreender quem eu realmente sou como filha amada de Deus, e que somente o cuidado amoroso de Deus tem poder sobre mim.

Mais tarde, senti tristeza por ter respondido de modo tão ríspido à vizinha que gritou, preocupada, quando caí. No dia seguinte ela viajou e, quando retornou, perguntaram a ela se estava com *jet lag*, ou seja, cansaço extremo devido ao longo voo. Respondeu que estava bem, pois não acreditava em *jet lag*. Alguns dias depois, eu lhe pedi desculpas pela forma como reagi à sua exclamação. Ela respondeu que não havia problema, e que entendia como eu havia me sentido. Eu lhe disse que, do mesmo modo que ela havia se recusado a aceitar o *jet lag*, eu podia me recusar a aceitar o tombo, e declarar

que sou filha de Deus, reta e íntegra, o que todos nós somos. Ela concordou.

Dei-me conta também de que o medo não faz parte de mim, porque não vem de Deus. Embora eu seja cuidadosa nas coisas que faço, eu me sinto amada e segura, e não fico com medo, pois como lemos na Bíblia: “No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo” (1 João 4:18).

Sinto apreço por tudo o que, por meio do meu estudo e prática da Ciência Cristã, continuo a aprender a respeito de Deus, Sua criação perfeita e o amor que Ele tem para com todos nós.

Elisabeth Seaman

Mountain View, Califórnia, EUA

Voltei a andar normalmente

Bess Goodspeed

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 17 de julho de 2025.

Na parede de nossa filial da Igreja de Cristo, Cientista, está inscrita esta citação maravilhosa do livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, de autoria de Mary Baker Eddy: “O Amor divino sempre satisfez e sempre satisfará a toda necessidade humana” (p. 494). Essa é uma declaração muito confortadora a respeito da lei e ordem verdadeiras. Ela abrange as necessidades passadas, presentes e futuras. Sempre gostei muito de me apoiar nessa promessa, nos momentos em que necessitei acalmar meu pensamento, voltando-o para Deus, em vez de deixar que o medo e a preocupação se insinuassem em meu estado de ânimo.

Foi graças à compreensão do significado espiritual da Bíblia e da evidência de sua validade, que a Sra. Eddy pôde escrever essa declaração. Lemos na Bíblia esta promessa de Cristo Jesus aos discípulos: “Nada vos

será impossível” (Mateus 17:20). E o apóstolo Paulo escreveu: “Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra...” (2 Coríntios 9:8).

Há quase um ano, um de meus pés inchou até o tornozelo e perdeu a cor natural. Doía quando eu andava, e meus sapatos estavam apertados. Agarrei-me a essa citação sobre o Amor divino, e confiei em que o Amor, ou seja, Deus, iria atender à minha necessidade. Eu não precisava aceitar o que estava acontecendo fisicamente, em vez disso, deveria manter o pensamento voltado para a minha completude espiritual, por fazer parte da ordem divina como filha de Deus.

A evidência física não parecia animadora, mas recusei-me a aceitá-la como real. De acordo com a Bíblia, fui feita à imagem e semelhança de Deus, e Deus declarou que tudo quanto Ele fizera era “muito bom” (ver Gênesis 1:26, 27, 31).

Entrei em contato com uma praticista da Ciência Cristã, e ela concordou em orar por mim e me ajudar a superar o medo quanto à situação.

Em minhas orações, empenhei-me em afastar do pensamento toda sugestão de insuficiência e, ao fazer isso, focalizei o que é espiritualmente bom e verdadeiro a meu respeito. Pude cumprir, com alegria, minha escala como recepcionista dos cultos da igreja. Também encontrei tempo para orar, estudar e ler artigos nos periódicos da Ciência Cristã, na Sala de Leitura da Ciência Cristã, o que me proporcionou inspiração e confiança nas leis do domínio que Deus deu a todos os Seus filhos.

Reconheci que eu não era escrava da doença. Conforme lemos em *Ciência e Saúde*: “A escravização do homem não é legítima. Cessará quando o homem entrar na posse de sua herança de liberdade, ou seja, o domínio que Deus lhe deu sobre os sentidos materiais. Algum dia os mortais farão valer sua liberdade em nome de Deus Todo-Poderoso. Então, cada um governará seu próprio corpo mediante a compreensão da Ciência divina. Abandonando suas crenças atuais, reconhecerão que a

harmonia é a realidade espiritual e a desarmonia é a irreabilidade material" (p. 228).

Continuei me esforçando para compreender a realidade espiritual de que Deus me criou à Sua imagem e semelhança, por isso sou dotada de mobilidade plena, atividade, equilíbrio, alegria e sou livre de qualquer tipo de limitação ou desarmonia. Reconheci que não tenho idade, porque Deus não tem idade; e que tenho domínio porque Deus me deu domínio.

Conforme a dificuldade se atenuou em meu pensamento, o mesmo aconteceu em minha experiência. Digo, com alegria, que em poucas semanas eu estava andando com completo domínio e meus sapatos serviam perfeitamente. Percebo mais uma vez que o Amor divino satisfaz nossa necessidade humana. Sou extremamente grata, por todo o bem que obtive por meio do estudo da Ciência Cristã.

Bess Goodspeed

St. Louis, Missouri, EUA

Contudo, à medida que pensei mais sobre o assunto, percebi a verdade sobre a situação: por sermos o reflexo de Deus, o Amor divino, nós incluímos tanto a confiança quanto a sabedoria. O Amor divino tudo sabe e tudo vê, e nós refletimos essas características, então nossa confiança nunca é cega. Ela se apoia na compreensão de que a criação do Amor é perfeita e boa, e na humilde disposição de ver nosso próximo como a expressão do Amor. Isso naturalmente nos leva a tomar decisões sábias, que nos mantêm em segurança, e os outros também. Com essa compreensão é impossível ser vítima de confiança equivocada. Só podemos ser recebedores da graça.

Minhas orações, nesse sentido, permitiram que eu visse a mim mesmo, e à vendedora, de maneira correta — como ideias úteis de Deus. Também ficou claro para mim que, se queremos vivenciar o cuidado de Deus, temos de contar com esse cuidado e aceitá-lo, ao invés de encarar tudo com desconfiança.

Quando saí para caminhar, uns dias depois e ainda senti dor, comecei a escutar novamente, em oração. Notei que acalentava a expectativa de expressar qualidades divinas durante as férias que havia planejado após a conferência. Contudo, eu não pensara em considerar a própria conferência como uma oportunidade de expressar qualidades divinas. A partir daquele momento, decidi que usaria a conferência como uma oportunidade de ver a mim mesmo, e a todos, como representantes de Deus, expressando inteligência e produtividade. Não poderia me faltar nada do que fosse necessário para ser representante de Deus, inclusive um par de sapatos confortáveis.

Com essa compreensão fui para a conferência e consegui caminhar confortavelmente. Uma tarde notei que uma bolha havia se formado no calcanhar, mas estava quase completamente curada. Graças às inspirações espirituais recebidas durante minhas orações, foi possível não prestar atenção na bolha. Na manhã seguinte, simplesmente calciei os sapatos. Só depois percebi que a pele no calcanhar estava completamente curada.

Sou grato por essa experiência do cuidado divino. Foi uma evidência de que o Cristo, a verdadeira ideia do

Não podemos ser vítimas de confiança equivocada

Thomas Hösgen

Original em alemãoPublicado anteriormente como um original para a Internet em 30 de junho de 2025.

No verão passado, em preparação para uma conferência, relacionada ao meu trabalho, comprei um novo par de sapatos. Durante a compra, achei que estava sendo bem assessorado, e atendido com honestidade. Contudo, pouco tempo depois de usar os sapatos, para amaciá-los, fiquei com o calcanhar muito machucado.

Eu queria abordar essa situação metafisicamente, por isso comecei a escutar a Deus. Nessa quietude espiritual, surgiu uma alegação em meu pensamento, de que eu era crédulo e havia comprado os sapatos errados, pois confiara em alguém que era pago para me vender algo.

Amor, põe o erro a descoberto e comunica a verdade. Basta entrar com confiança no “quarto” da oração, como Jesus ensinou, e ficar em silêncio. O crescimento espiritual que resulta é duradouro, e torna-se um companheiro constante.

Thomas Hösgen
Aachen, Alemanha

Persistir na oração me revelou que a visão é espiritual

Felix Droß

Original em alemão Publicado anteriormente como um original para a Internet em 17 de março de 2025.

Há algum tempo, um amigo e eu estávamos em um campo de futebol para assistir a um jogo do time de nosso vilarejo. Durante o jogo, recebi, pelo WhatsApp, uma mensagem de um conhecido, pedindo oração.

Afastei-me um pouco para responder a mensagem, e parei de prestar atenção ao que acontecia no jogo. Escrevi que mesmo que o erro, o oposto da Verdade, Deus, nos atacasse, deveríamos nos manter fiéis à verdade.

Assim que enviei a mensagem, a bola de futebol me acertou com força no olho direito. Fiquei atônito por alguns instantes, mas logo afirmei que no universo ordenado e harmonioso de Deus — o reino dos céus que nos cinge por completo — não há acidentes. Isso me ajudou a me ater à verdade espiritual a respeito da situação, e a assegurar, aos jogadores e a uns espectadores que estavam próximos a nós, que tudo estava bem.

Enquanto eles voltavam a prestar atenção ao jogo, eu me acalmei e mantive o pensamento firme no que é verdadeiro. Apesar de meu olho lacrimejar e eu ter

dificuldade de enxergar com ele, não me concentrei nisso. Ao contrário, persisti na oração. De repente, percebi que estava errada a mensagem que eu enviara dizendo que o erro nos atacaria com suas crenças errôneas. O erro é uma mentira. Uma mentira não constitui algo; é uma negação. É o nada e não pode nem querer nem fazer algo, portanto, não pode nem me atacar nem querer fazê-lo. Pensando assim, fechei a porta de minha consciência à mentira, proibindo sua entrada. Também afirmei que nenhum sofrimento pode resultar de querermos amorosamente ajudar alguém, como eu estivera fazendo.

No caminho para casa, em oração reconheci também que a verdadeira visão é espiritual, outorgada por Deus, que é o próprio Espírito. Por isso, esse senso espiritual permanece intocado e não é limitado pela matéria nem por nada físico.

Quando cheguei em casa, fiquei contente por ter paz e sossego para continuar a me aprofundar na oração. Sempre que pensamentos de medo sugeriam que meu olho estava seriamente ferido, eu perseverava em minhas convicções espirituais. Ao tentar, e não conseguir, ler algo no livro-texto da Ciência Cristã, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras* de Mary Baker Eddy, lembrei a mim mesmo que a visão é uma qualidade espiritual de Deus, e, por isso, eu não podia estar separado dela. Eu estava pronto para deixar o Espírito, a Verdade, me mostrar que eu estava livre do problema. Seguro disso, adormeci.

Na manhã seguinte, de início eu estava com receio de abrir os olhos, caso a cura não tivesse ocorrido. Mas orei para reconhecer a Verdade e nela confiar, e compreendi que tudo o que seja dessemelhante da Verdade não tem poder. Então, abri os olhos com confiança. Eu conseguia enxergar claramente! O mais maravilhoso a respeito dessa cura foi a sensação de um amor todo-abrangente que me sobreveio naquela manhã.

Agradeço a Deus por essa cura, e dou glória a Ele.

Felix Droß

Reconhecer com gratidão nossas infinitas bênçãos

Lisa Rennie Systma

Publicado anteriormente como um original para a Internet em 6 de outubro de 2025.

Lemos na Bíblia, no Evangelho de Lucas, que dez leprosos pediram ajuda a Jesus, que vinha demonstrando o poder de cura que acompanha a compreensão a respeito de Deus. Jesus curou todos eles (ver Lucas 17:11-19). Contudo, somente um voltou para lhe agradecer. Ou seja, todos os dez foram abençoados, mas somente um reconheceu a bênção.

O que o homem que retornou ganhou que os outros perderam? Em outras palavras, que diferença faz quando expressamos gratidão pelo bem que recebemos? A Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã, Mary Baker Eddy, responde a essa pergunta da seguinte maneira: “Somos realmente gratos pelo bem já recebido? Então faremos uso das bênçãos que temos e assim estaremos preparados para receber mais” (*Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, p. 3).

Nove dos dez leprosos receberam a bênção e foram embora, sem mostrar nenhum interesse nem saber o que os havia curado. Ao retornar, aquele que veio agradecer demonstrou que seu olhar havia se voltado para os céus, para o Princípio, Deus, a verdadeira fonte de toda a cura. Os outros nove leprosos agiram como garimpeiros procurando ouro em um córrego. Foram curados — encontraram alguns fragmentos e pepitas que haviam se soltado de sua fonte e sido levados pela correnteza. Mas aquele que estava grato não se contentou em peneirar a lama para tirar o cascalho e ver o que poderia encontrar. Ele se voltou diretamente para a fonte, de onde o ouro, ou seja, a cura, tinha vindo.

Um depósito mineral, isto é, uma fonte material de ouro, acabará se esgotando. Mas as bênçãos que Deus nos concede são infinitas. Se nosso olhar e nossa confiança estiverem voltados para o que é terrenal, para a matéria e para o materialismo — tudo aquilo que alega ser o oposto do bem ou a ausência dele — estaremos negando que Deus seja o único Criador e a única fonte de todo o verdadeiro existir. Se esperamos encontrar substância e poder na matéria, esse pensamento inevitavelmente limitará o bem que conseguiremos enxergar, até mesmo no plano da experiência humana. Isso não significa que o bem não esteja ao nosso alcance — ele sempre está. Significa que nós não estamos conseguindo enxergá-lo.

Quando reconhecemos algo, aceitamos a ideia de que ele existe ou de que é verdadeiro. Antes de podermos ver as bênçãos de Deus se manifestarem plenamente em nossa vida, precisamos reconhecer que Deus, o Amor divino, e Suas bênçãos existem, são reais. Na mesma proporção em que acreditamos na realidade da matéria, deixamos de acreditar no bem que Deus concede. Mas quando começamos a compreender que o existir é totalmente espiritual, inteiramente semelhante a Deus, e que, portanto, o homem, a expressão de Deus, também é inteiramente espiritual, nossa fé na matéria começa a se dissipar, mesmo que lentamente.

É claro que, a essa altura, nenhum de nós abandonou completamente a crença na realidade da matéria! Todavia, quando nos voltamos para Deus e somos humildemente receptivos, estamos permitindo que o Cristo, a verdadeira ideia de Deus, atue em nossa consciência, comece a destruir nossa fé na matéria e abra nossos olhos para o sempre presente bem divino, que nos envolve em perfeita saúde e segurança. Um dicionário define o termo *perfeito* como aquilo em que “não falta nada de essencial ao todo”. A Sra. Eddy escreve: “...o reconhecer a perfeição do Invisível infinito confere um poder que nenhuma outra coisa pode outorgar” (*A Unidade do Bem*, p. 7).

É por isso que a gratidão pelo bem que Deus, o Amor divino, proporciona — um reconhecimento daquilo que o Amor é, e do que ele faz por nós — é muito poderosa. A gratidão nos firma no bem de Deus, fortalecendo nossa compreensão a respeito da presença constante e do poder ininterrupto desse bem. Diminui

nosso medo quando enfrentamos desafios, porque sabemos que Deus, o Espírito, é capaz de satisfazer a qualquer necessidade que possamos ter. E, quando compreendemos que essa afirmação é verdadeira para nós, porque é verdadeira para todos, ficamos mais confiantes.

Certa vez, comecei a apresentar sintomas do que parecia ser uma forte alergia sazonal, algo que eu nunca havia tido. Ao orar para me libertar do problema, de repente me dei conta de que, enquanto orava por mim, para compreender que alergias não fazem parte do reino de Deus, sem perceber eu estava aceitando a alegação de que esse era um problema que outras pessoas tinham. Eu precisava reconhecer que Deus é realmente perfeito e que toda a Sua criação expressa essa perfeição. Fui então tomada por um senso de admiração e reverência pela magnitude da obra de Deus e, em seguida, por um profundo sentimento de gratidão. Os sintomas de alergia começaram a desaparecer. Em poucos dias, embora as plantas e o pólen permanecessem os mesmos, os sintomas desapareceram por completo e nunca mais voltaram.

A primeira frase do Prefácio do livro-texto da Ciência Cristã nos diz que, quando nos apoiamos em Deus, nossos dias são “repleto[s] de bênçãos” (*Ciência e Saúde*, p. vii). Apoiar-se em Deus é reconhecê-Lo, e reconhecê-Lo é ser grato. Se a gratidão é o preço a pagar para receber bênçãos, parece que vale a pena ser grato!

Lisa Rennie Systma
Redatora-Adjunta

SUSAN STARK

GERENTE DE PRODUTO
GRAHAM THATCHER

GERENTE ADJUNTA DE PRODUTO
KARINA BUMATAY

REDATORES
NANCY HUMPHREY CASE

SUSAN KERR
NANCY MULLEN
TESSA PARMENTER
CHERYL RANSON
ROYA SABRI
HEIDI KLEINSMITH SALTER
JULIA SCHUCK
JENNY SINATRA
SUZANNE SMEDLEY
LIZ BUTTERFIELD WALLINGFORD

GERENTE DE REDAÇÃO, CONTEÚDO PARA CRIANÇAS E JOVENS
JENNY SAWYER

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO EDITORIAL
ANA PAULA CARRUBBA

COORDENADORA DE PRODÚCAO EDITORIAL
GILLIAN A. LITCHFIELD

ESPECIALISTA EM PRODUÇÃO, CONTEÚDO ON-LINE
MATTHEW MCLEOD-WARRICK

GERENTE DE DESIGN E PROMOÇÃO
ERIC BASHOR

DESIGNER

CAROLINA VILCAPOMA

GERENTE DE PRODUÇÃO

BRENDUNT SCOTT

O ARAUTO É PUBLICADO PELA SOCIEDADE EDITORA DA CIÊNCIA CRISTÃ.

O ARAUTO DA CIÊNCIA CRISTÃ

REDATORA-CHEFE
ETHEL A. BAKER

REDATORES-ADJUNTOS
TONY LOBL
LARISSA SNOREK
LISA RENNIE SYTSMA

GERENTE DE REDAÇÃO